

KATITO KAMWENHO



AF-RUI-KA

TEXTO

FICHA TÉCNICA

© **Katito Kamwenho, 2024**

Título: Af-rui-ka

Autor: Katito Kamwenho

Facebook: Katito Kamwenho

Instagram: katito_kamwenho

E-mail: bidipatricioemilio@gmail.com

WhatsApp: +244 931 291 668

Revisão: Katito Kamwenho

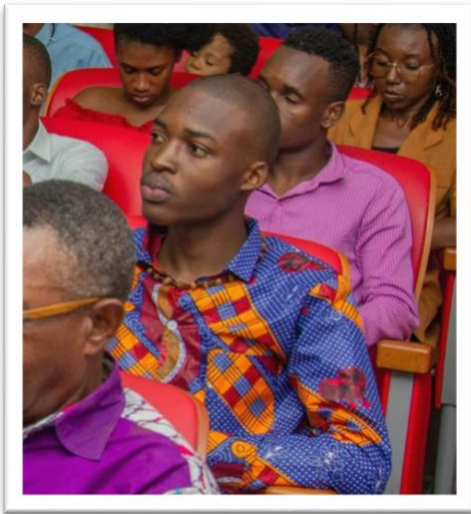
Design de capa: Katito Kamwenho

Arte de capa: Canva

Ilustração: Freepik

ISBN: 978-989-0102030

Todos os direitos reservados. Você não pode plagiar e tampouco imprimir este texto sem a devida permissão do autor.



Katito Kamwenho nasceu em Luena, Moxico, em 5 de Outubro de 2004. É escritor e cronista. Passou a sua infância em Kawango e posteriormente mudou-se para Luanda, onde estudou o ensino primário e secundário. No Instituto Médio Comercial de Luanda (IMCL), está cursando o Técnico de Finanças. Sua paixão pela arte literária começou com desenhos em quadrinhos na infância. Em 2019, venceu o Concurso de Desenho do Colégio Mara e Tânia. Estreou como escritor em 2020 e em 2021 fundou o portal literário Mwangolé das Letras. Kamwenho escreve crónica reflexiva que explora uma variedade de temas, incluindo questões sociais, educacionais, culturais e experiências pessoais. Possui formação em Oratória e Comunicação pela Muanda Invest, Programação Neurolinguística Básica, Recolocação Profissional e Raciocínio Lógico Básico pela Escola Educação Cursos, além de Princípios da Literatura pela WR Educacional. Em 2023, especificações a antologia de contos “A Malamba de Ngola” e o projecto literário “Diálogo em Leitura”. No ano seguinte, realizou o concurso literário “Revelação Texto Conotativo Criativo” e especificações a poesia cultural “O Carnaval Ndapunikwa”. É o organizador da exposição literária “Expo Virtual Mussoko Textual”. Recebeu reconhecimentos de comunidades literárias de Portugal, Brasil, Panamá e México, como o Mérito Poético da Poesia em Família (2024), a 4ª Honra ao Mérito da Web Poesia (2024), a Honra Joaquim Ganhão (2024), a Joya de Diamante Con Cinta de Oro da Poesías y Frases Bonitas (2024), o Reconhecimento da Unión Mundial de Poetas Escritores México y El Mundo (2024) e o Reconhecimento da Corporação de Literatura e Artes Brasileira Caneta Dourada (2024).

AF-RUI-KA

Af-rui-ka é o berço da humanidade, antes mas depois dominada pelo neoimperialismo. Na real, o cego pisca, só que finge não ver; o surdo escuta, mas finge não ouvir ela, que, na estranheza, é uma pobreza invejada pela riqueza. A etiqueta incutida parece não fazer efeito, mas não adianta explicar o concreto, porquanto a poesia é sentida e nua nesta injustiça inexplicável.

África, terceiro continente mais extenso, é o dobro energético-climático-tropical da negritude beleza-certeza-boniteza; o paraíso do útero que espelha rumores do nascimento da espécie humana, onde foram encontrados os primeiros fósseis, disseminados pela caverna; o território terrestre que possui o ponto mais alto de Kilimanjaro. Não obstante, desenhada de grande diversidade étnica, cultural, social e política.



Áfrika fala um vasto número de línguas distintas, pratica diferentes religiões, coabita em um milhão de tipos de habitações e, apesar das *makas* de uma expectativa de vida anã, subnutrição e analfabetismo, há uma gigantesca inteligência, que se relaciona em um amplo leque de actividade económica e brilha volumosa com sua cultura: a arte, a música, a dança, a culinária e a vestimenta.

Se *Af-rui-ka* è um dos continentes mais miseráveis do cosmos, por que pelo qual os países mais desenvolvidos doutras esquinas, de vida razoável e ou de qualidade, buscam suas riquezas nela, uma vez que também é subentendida como mero bolso de subdesenvolvimento? A brincadeira de mal gosto é o retrato do egoísmo. Pecaminoso é preconceber e bisbilhotar a carteira do outro sem o seu consentimento.

O nativo africano ontem lutava contra o colonialismo, e hoje ainda encara o racismo. Onde o europeu, mandioca, que até casca castanha expulsa, sob a rejeição do coitado carvão. Mas, uma zebra de sã consciência como *Af-rui-ka*, jamais revoltar-se-á com o tom da pele humana, ela apenas unifica as raças, as semelhanças e diferenças culturais. Quer dizer, o momento oportuno é o paradoxo da ignorância, exploram o neuro *afrikano* e, de seguida, somem do mapa com a luxúria alheia. *Áfrika* é terra solidária, e não capitalista com milionários a encenarem *gimolas*.

Rangel, Abril de 2024

Por: Katito Kamwenho